

ATLAS LINGÜÍSTICO DO AMAPÁ: UM RECORTE DA VARIAÇÃO LEXICAL NO FALAR AMAPAENSE

Celeste Maria da Rocha Ribeiro*
Cássia de Souza Ferreira**

RESUMO: Este estudo objetiva evidenciar alguns casos de variação lexical observada em determinadas cartas do atlas linguístico do Amapá – ALAP. A análise dos dados lexicais segue os pressupostos teórico–metodológicos da sociolinguística, da dialetologia pluridimensional e da geografia linguística; dessa forma, a imagem projetada sobre a variação na língua, não se limita ao aspecto geográfico, mas também considera fatores sociais como aspectos relevantes no registro da diversidade lexical. A coleta de dados ocorreu em dez localidades do Estado do Amapá, por meio da aplicação de um questionário semântico–lexical, composto por 202 questões, distribuídas em 14 campos semânticos. Foram ouvidos 40 falantes no total, quatro por cidade; os resultados apresentados no ALAP demonstram o perfil da variação lexical das localidades investigadas e fornecem um panorama da produtividade de determinados itens no vocabulário amapaense. Para este trabalho, apresenta–se um recorte desse perfil, por meio de três itens lexicais considerados produtivos, em termos de variantes, e, que foram retratados em três cartas linguísticas do referido atlas.

PALAVRAS–CHAVE: Variação linguística; Atlas linguístico; Variantes lexicais.

THE LINGUISTIC ATLAS OF AMAPÁ: A SECTION OF LEXICAL VARIATION IN THE SPEECH OF PEOPLE FROM AMAPÁ

ABSTRACT: Several cases of lexical variations perceived in charts of the linguistic atlas of Amapá (ALAP) are analyzed. The analysis of lexical data follows the theoretical and methodological presuppositions of sociolinguistics, pluri–dimensional dialectology and linguistic geography. The image projected on language variation does not limit itself to the geographic aspect but also takes into consideration social factors, such as relevant aspects in the register of lexical diversity. Data were collected from ten sites in the state of Amapá, Brazil, through a semantic–lexical questionnaire composed of 222 questions distributed into 14 semantic fields. Forty speakers, four per town, were interviewed. Results given in ALAP show a profile of lexical variation of the places under analysis and provide an overview of the productivity of certain items in the vocabulary of the people of Amapá. Current study provides a cross–section of the profile through three productive lexical items, in variation terms, and reproduced in three linguistic charts of the atlas.

KEYWORDS: Linguistic variation; Linguistic atlas; Lexical variants.

INTRODUÇÃO

O Brasil é considerado um país com grandes diferenças regionais e socioculturais, conseqüentemente, sendo refletidas na língua portuguesa falada pelo país, a qual apresenta uma

diversidade extremamente significativa, tanto do ponto de vista regional, quanto social, sobretudo em relação ao seu léxico. Essa diversidade, em geral, caracteriza uma região, ou um Estado ou até mesmo uma área geográfica em específico, como é o caso das áreas urbanas, rurais e ribeirinhas localizadas por todo o país.

* Doutora em Linguística; Docente do Departamento de Letras e Arte da Universidade Federal do Amapá; Coordenadora do Atlas linguístico do Amapá. Brasil. E–mail: celribeiro042002@gmail.com

** Graduanda do curso de Letras pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Brasil.

Este artigo tem por finalidade principal apresentar resultados de um levantamento lexical feito em três cartas do atlas linguístico do Amapá, a fim de evidenciar os usos lexicais mais recorrentes, na designação que recobrem os conceitos de *córrego*, *cambalhota* e *igarapé*. Parte-se do pressuposto de que para a compreensão de uma determinada comunidade, é indispensável investigar a língua por ela utilizada, visto que ela resulta da construção social dessa comunidade e essa construção reflete o seu léxico, o qual tende a ser influenciado por diversas variáveis, sobretudo sociais.

Segundo Aragão (2001), é por meio do léxico que se observa uma diversidade significativa de diferenças regionais e socioculturais do Brasil, o que reflete os diversos falares brasileiros. Assim, justifica-se esse estudo por considerar-se que por meio do léxico pode-se conhecer a forma pela qual uma comunidade considera seu universo linguístico-cultural; além de permitir o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado no Amapá.

O presente estudo está dividido em sete seções: as duas primeiras apresentam um panorama geral do suporte teórico que embasa esse trabalho, tais como a dialetologia, a geolinguística e a variação lexical; as seções 3 e 4 retratam o perfil metodológico usado no atlas linguístico do Amapá e algumas informações sociogeográficas do Estado amapaense, respectivamente; na quinta seção tem-se a apresentação dos procedimentos metodológicos usados neste artigo; a seção 6 evidencia a análise das cartas lexicais; na sete⁷ é feita uma sucinta discussão acerca dos resultados observados e, por fim, nas conclusões retomam-se os “achados” mais relevantes do trabalho.

1.1 DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA

Segundo Cardoso (2002; 2010), os estudos dialetológicos adquiriram caráter sistematizado e científico a partir do século XIX com o estabelecimento dos princípios metodológicos que deram corpo ao

método próprio da dialetologia – a geografia linguística, ou geolinguística.

Cardoso (2002, p. 1) sintetiza a tarefa da dialetologia afirmando que esta é incumbida de “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Para a realização de tal tarefa, a dialetologia lança mão do método geolinguístico, o qual, de acordo com Brandão (1991), possui como característica a disposição dos dados linguísticos em mapas denominados de cartas linguísticas.

Com o avanço dos estudos sociolinguísticos e a consideração de variáveis sociais no estudo da língua falada, a dialetologia e o método geolinguístico reconheceram novas variáveis, junto ao aspecto diatópico, em seu modelo de análise. Desse modo, foram agregadas à análise geolinguística, questões de ordem social, assumidas, sobretudo, pela sociolinguística, tais como: escolaridade, gênero, faixa etária. Tal adição ao caráter diatópico da dialetologia conduz, então, ao termo que denomina tal forma de análise – geolinguística pluridimensional.

Nesse sentido, Cardoso (2002) assevera que, embora a dialetologia de caráter pluridimensional abranja fatores sociolinguísticos, o foco principal de seu método se detém no aspecto espacial, o qual constitui, assim, a principal identidade e definição do campo dialetológico. Desse modo, os atlas linguísticos se tornam de muita relevância nos estudos dialetológicos e geolinguísticos, já que mapeiam os usos dos falantes por localização geográfica. Ferreira e Cardoso (1994, p. 20) apontam a publicação de atlas linguísticos como o início de uma nova fase de estudos dialetais de diversos tipos, uma vez que o atlas “é documento irrefutável de uma realidade da língua, diversificada nos seus vários níveis”.

Como resultado dos estudos dialetológicos e geolinguísticos no Brasil,

temos dezenas de atlas linguísticos regionais publicados e outros em processo de elaboração pelo país; vale destacar aqui o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), de abrangência nacional, publicado em 2014, objetivando entre outras questões, segundo Cardoso (2010, p. 169) “descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística”.

2 VARIAÇÃO LEXICAL

Para os estudos sociolinguísticos, a língua é “heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em construção” (BAGNO, 2007, p. 36), em razão disso, a diferença existente entre os falares é denominada *variação linguística*. De acordo com Bagno (2007), esse fenômeno acontece em cada um dos níveis da língua: morfológico, sintático, fonético-fonológico, estilístico pragmático, semântico e lexical. Para o presente estudo, será focalizada apenas a variação lexical.

O campo lexical se mostra muito produtivo em termos de materiais para investigação, pois, como afirma Paim (2011), o caráter dinâmico da língua permite a adequação dos usos feitos pelos falantes aos mais diversos contextos de comunicação. A autora destaca o nível lexical da língua como um campo extenso, que apresenta grande produtividade nos usos contextuais e, portanto, grandes possibilidades de estudo e pesquisa.

Nesse sentido, Biderman (2001, p. 13) afirma que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”. Oliveira (2001) corrobora com a mesma ideia quando afirma que o léxico de uma língua é formado por um conjunto de vocábulos que expressa a realidade sociocultural de determinada comunidade de fala. Desse modo,

é possível perceber que o léxico não figura apenas como um nível das línguas naturais, mas também como um representativo social da comunidade pesquisada.

Em complemento a essas concepções tem-se o que Isquierdo (2001, p. 91) pontua a respeito do caráter representativo do léxico de uma língua.

Considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer [...] dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo.

É possível considerar, então, o nível lexical da língua não apenas como o nível no qual as palavras são formadas, mas também como o nível que expressa de forma representativa, pelo uso do falante, os conhecimentos de mundo e as aquisições culturais de uma sociedade. Desse modo, ao empreender uma pesquisa lexical em determinada comunidade de fala, o pesquisador poderá colher dados lexicais que apontem para aspectos históricos e culturais relativos ao grupo de falantes pesquisado.

Segundo Oliveira (2001), todo o caráter dinâmico da língua é evidenciado no léxico, pois este é o nível linguístico que mostra, de maneira mais expressiva, a mobilidade das estruturas sociais e a visão de mundo de uma sociedade. Desse modo, a variação linguística apresentada por esse nível da língua é bastante significativa, tendo em vista a possibilidade de se utilizar muitos vocábulos para denominar um determinado item lexical, dependendo da origem social do falante que o utiliza.

3 ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ

O Atlas Linguístico do Amapá, doravante ALAP, foi publicado em 2017 pelos professores Razky, Ribeiro e Sanches e, até a presente data, figura como o terceiro e mais recente da região Norte do Brasil. Este atlas abrangeu dez localidades do Estado do Amapá, selecionadas de acordo com critérios estabelecidos nas pesquisas dessa natureza e que formam uma amostra representativa do Estado amapaense. O ALAP é composto por 16 cartas fonéticas, 73 cartas lexicais e 30 cartas estratificadas em sexo e idade.

O Atlas Linguístico do Amapá segue os princípios metodológicos da dialetologia e da geolinguística pluridimensional, considerando o aspecto diatópico e o diastrático, a partir das variáveis sexo e faixa etária. Para a coleta de dados, foram utilizados dois questionários: o fonético–fonológico (QFF) com 159 questões e o semântico–lexical (QSL) com 202 perguntas, ambos usados na recolha de dados do ALiB.

O perfil de informantes do ALAP compreende 40 no total, sendo 20 homens e 20 mulheres; são quatro informantes por localidade, distribuídos equitativamente em sexo e duas faixas etárias: jovem (18–30 anos) e mais velha (50–75 anos). Vale dizer que todos possuem escolaridade equivalente ao nível fundamental de ensino. Conforme critérios dialetológicos, os informantes deveriam ser naturais da localidade pesquisada e não ter se ausentado dela por mais de um terço de sua vida (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017).

Os dados coletados durante a pesquisa foram dispostos em cartas linguísticas, fonéticas e lexicais, além das cartas estratificadas em sexo e idade, por localidade. Essas cartas apresentam as variantes mais recorrentes em cada município pesquisado, as porcentagens de ocorrências dessas variantes, além da pergunta do questionário utilizada para o item investigado.

4 O ESTADO DO AMAPÁ

A inclusão do território do Amapá ao Brasil ocorreu em 1901, com a assinatura do *Lauda Suíço*, o qual estabeleceu que o Brasil teria soberania sobre o território contestado e disputado com a França. Após esse período, em 13 de setembro de 1943 o reconhecimento do Amapá e sua legitimação como território federal ocorreu por meio do decreto federal n. 5.812, criando o Território Federal do Amapá, desmembrando-o do Estado do Pará. Em 1988, pela promulgação da Constituição brasileira, o território é elevado à condição de Estado.

Desde essa época, a dinâmica migratória vem se consolidando de forma expressiva, pois, somente em 1988, o Estado recebeu cerca de 42.000 pessoas de outras unidades da federação. Esse grande fluxo deve-se também à instalação de empresas de grande porte e à abertura da exploração de ouro em alguns municípios. Segundo o censo do IBGE (2017), a população no Estado do Amapá era de 807.810 habitantes, com a população projetada para o ano de 2030 de 983.304 pessoas, distribuídas em 16 municípios: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Vitória do Jari, Pedra Branca do Amapari, Serra do Navio, Porto Grande, Ferreira Gomes, Cutias, Tartarugalzinho, Amapá, Pracuúba, Itaubal, Calçoene e Oiapoque. O território amapaense ocupa uma área de 142.815 km², está situado no extremo norte do Brasil, sendo delimitado pelo Estado do Pará, a oeste e sul; pela Guiana Francesa, ao norte; pelo oceano Atlântico, a leste; e pelo Suriname, a noroeste.

A economia amapaense concentra-se no setor terciário relativo a serviços, mas também é impulsionada pelo setor agrícola e pesqueiro. A participação do Amapá para o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, em 2018, foi de 8,9%. No âmbito regional, sua contribuição foi de 4,5%. A composição do PIB amapaense estrutura-se predominantemente da seguinte forma: agropecuária 4,3%; indústria 9,9% e serviços 85,8%. A capital Macapá é onde se concentra

a maior parte da população do Estado, com cerca de 500 mil habitantes, seguida pelos municípios de Santana, segunda maior cidade do Estado, Laranjal do Jari e Oiapoque.

5 METODOLOGIA

Serão apresentados, neste tópico, os procedimentos metodológicos adotados neste estudo, cujo objeto central focaliza alguns itens lexicais do português brasileiro falado no Amapá. Foram examinadas três cartas estratificadas em sexo e idade, a fim de evidenciar as variações diatópica e diastrática presentes no ALAP, as quais apontam as variantes mais recorrentes no referido Estado; convém informar que a rede de pontos do ALAP é composta pelos seguintes municípios amapaenses: (1) Macapá, (2) Santana, (3) Mazagão, (4) Laranjal do Jari, (5) Pedra Branca do Amapari, (6) Porto Grande, (7) Tartarugalzinho, (8) Amapá, (9) Calçoene e (10) Oiapoque.

Os dados que caracterizam o aspecto lexical do ALAP são decorrentes da aplicação do QSL, o qual está distribuído em 14 campos semânticos: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana.

No entanto, por razões de síntese e economia, neste estudo foram selecionadas somente três cartas para análise e discussão. A primeira carta é relativa ao campo semântico “acidentes geográficos”; a segunda refere-se ao campo semântico “jogos e diversões infantis” e a última insere-se no campo “convívio e comportamento social”. A escolha pelos campos semânticos foi aleatória e a seleção

específica dessas cartas contemplou a questão da produtividade lexical. Foram consideradas todas as ocorrências realizadas nos dez pontos de pesquisa do ALAP, sendo que em alguns pontos não foram obtidas respostas, dado o desconhecimento do informante pela questão aferida. Essa ausência de resposta aparece na carta na cor branca e sob a legenda “sem resposta”. Houve casos ainda de alguns informantes empregarem outras variantes diferentes daquelas de maior ocorrência, como esses casos foram muito pontuais e restritos, denominados de casos particulares, não serão contemplados neste estudo, haja vista a finalidade deste restringir-se apenas às realizações das variantes mais frequentes no falar amapaense.

Analisaram-se as cartas estratificadas E-01, E-12 e E-26 do ALAP, correspondentes neste estudo aos itens lexicais, respectivamente, 1, 2 e 3 da seção 6 abaixo.

Vale informar, para fins éticos, que os dados de fala, que concretizaram as variantes apresentadas na seção seguinte, utilizados nesse estudo fazem parte do acervo oral do atlas linguístico do Amapá, o qual foi coletado, armazenado e organizado durante o processo de elaboração do referido atlas. Portanto, todos os 40 informantes que participaram como sujeitos da pesquisa, referente ao atlas consentiram a gravação e o uso de suas falas para fins de pesquisas e estudos linguísticos, assim como foi garantido o anonimato desses sujeitos por meio de codificação, no momento de observação e análise dos resultados. O referido consentimento encontra-se gravado no final de cada inquérito.

6 VARIAÇÃO LEXICAL NO AMAPÁ: RESULTADOS

Serão apresentadas, nesse tópico, as análises referentes a três cartas lexicais e estratificadas em idade e sexo, no ALAP, as quais aparecem na cruz de estratificação situada

no lado esquerdo inferior das cartas. No lado esquerdo da cruz estão indicados os falantes jovens (A), masculinos (M) e femininos (F); no lado direito da cruz encontram-se os mais velhos (B), masculinos (M) e femininos (F).

Os itens designados nas cartas retratam campos semânticos diferentes, que se mostraram produtivos quanto ao emprego de variantes linguísticas, pelos falantes das localidades investigadas. Essa análise contemplará as dimensões espacial e social. A primeira contempla as variantes por localidade geográfica pesquisada; e a segunda dimensão analisará as variantes, relacionando-as aos fatores idade e sexo.

6.1 ITEM LEXICAL 1

A carta estratificada E01 registra o primeiro item lexical evidenciado neste estudo. Ela apresenta as variantes registradas nos dez pontos de inquéritos investigados, no Estado do Amapá, que se revelaram mais produtivas, visto que aponta quatro variantes para denominar “um rio pequeno, de uns dois metros de largura”. A Figura 1 registra essas ocorrências.

A referida figura evidencia que a variante “igarapé” é a mais empregada em quase todo o Estado do Amapá; seguida de “lago” e “riacho”. No entanto, chama atenção no mapa, os pontos de inquérito 2 (Santana), 5 (Pedra Branca), 7 (Tartarugalzinho) e 8 (Amapá) que apresentam mais de três variantes para a designação de “um rio pequeno, de uns dois metros de largura”. As demais localidades registram de duas a três variantes, incluindo o ponto 1 (capital Macapá), o que não deixa de configurar uma variação diatópica significativa para a referida designação, visto que em todo o Estado essa denominação mostra-se heterogênea e diversificada.

Ao se observar o perfil social dos falantes que empregam um ou outra variante, verifica-se que nos pontos 5 (Pedra Branca), 8 (Amapá)

e 9 (Calçoene) o termo “igarapé” só é usado na fala dos mais velhos, independente de sexo; já a variante “rio” foi empregada somente pela mulher mais velha do ponto 10 (Oiapoque). Portanto, a denominação em questão também evidencia a variação diastrática, embora em pequena proporção, visto que somente o fator idade mostrou-se influenciador nesse grupo.

6.2 ITEM LEXICAL 2

O segundo item lexical analisado neste trabalho contempla a carta estratificada E12, em que se observam três variantes predominantes usadas no Estado para denominar “a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado”. A Figura 2 destaca essas ocorrências.

O termo “carambela” é a forma predominante na maioria das localidades do Estado, com exceção do ponto 6 (Porto Grande). A segunda variante mais recorrente foi “cambalhota”, ocorrendo somente na porção centro-sul do Estado; já o termo “mortal” ocorreu apenas em três localidades: pontos de inquérito 9 (Calçoene), 8 (Amapá) e 5 (Pedra Branca), porém só na fala dos mais jovens. Portanto, “carambela” é a variante mais empregada na designação da referida brincadeira no Amapá, ocorrendo de forma categórica nos pontos 2 (Santana) e 3 (Mazagão); e semicategórica em três pontos da região Norte do Estado: 10 (Oiapoque), 8 (Amapá) e 7 (Tartarugalzinho). Portanto, a denominação relativa ao item lexical evidenciado na carta anterior aponta uma variação estável, mas com realizações não plenamente equivalentes no Estado amapaense.

Desse modo, ocorre tanto variação diatópica quanto diastrática para o item lexical em questão, sendo que neste aspecto somente o fator idade mostrou-se condicionador no uso da variante “mortal”.

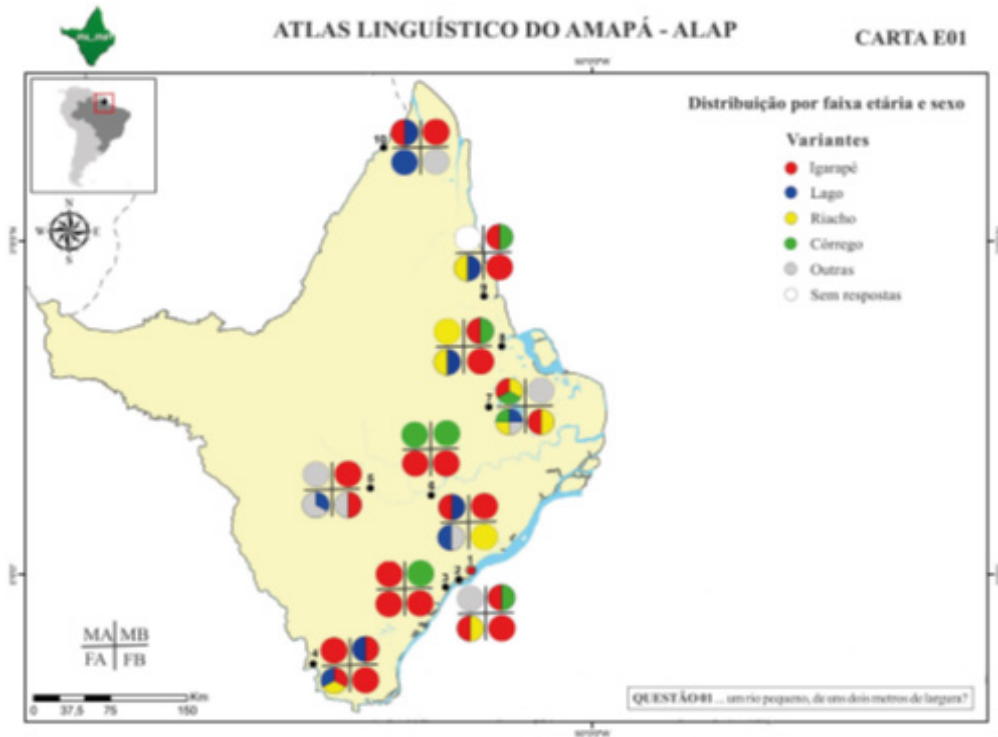


Figura 1. Variação do item lexical “córrego” por localidade, sexo e idade

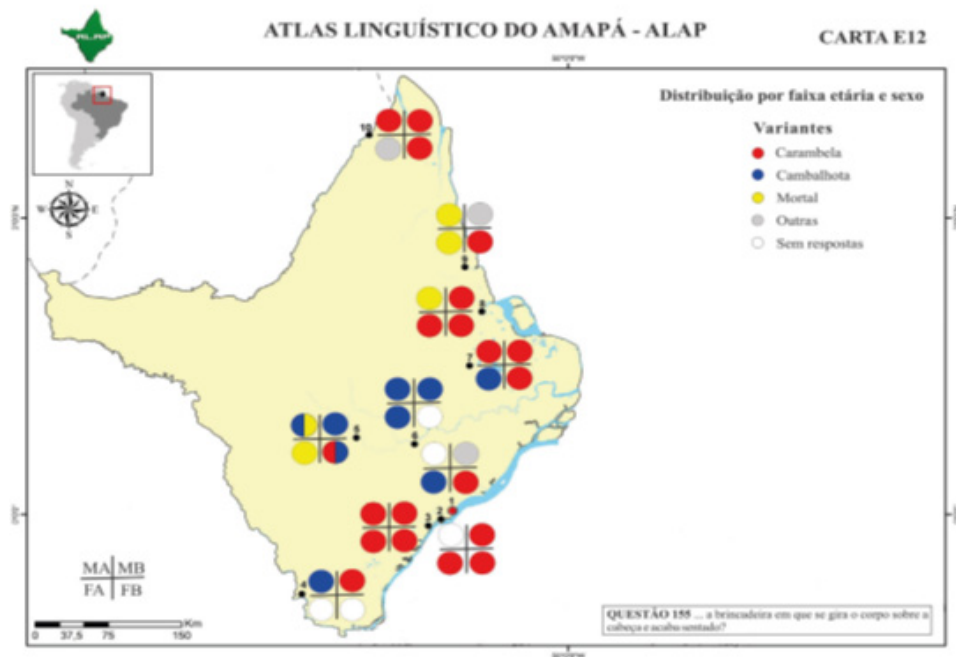


Figura 2. Variação do item lexical “cambalhota” por localidade, sexo e idade

6.3 ITEM LEXICAL 3

A Figura 3 reflete a carta estratificada E-26, na qual foram observadas as designações para “a pessoa que parece falar pelo nariz”. Nesta carta

registram-se três variantes principais, que podem ser visualizadas na Figura 3. O item “fanhoso” é o mais usado em todo o Estado, exceto no ponto 9 (Calçoene) que utiliza mais o termo “fonfon”, o qual também é recorrente na metade dos falantes do ponto 4 (Laranjal

do Jari), 2 (Santana) e 10 (Oiapoque). A terceira variante registrada foi “fanho”, mas somente em dois pontos: 7 (Tartarugalzinho) e 1 (Macapá). A variante mais utilizada no Estado (fanhoso) realiza-se de maneira categórica em três locais: 8 (Amapá), 6 (Porto Grande) e 3 (Mazagão); e de maneira semicategórica em dois pontos: 10 (Oiapoque) e 5 (Pedra Branca). Observa-se que nos pontos 2 (Santana) e 10 (Oiapoque) os falantes mais velhos usam mais a denominação “fanhoso”, enquanto os mais jovens empregam mais o termo “fonfon”.

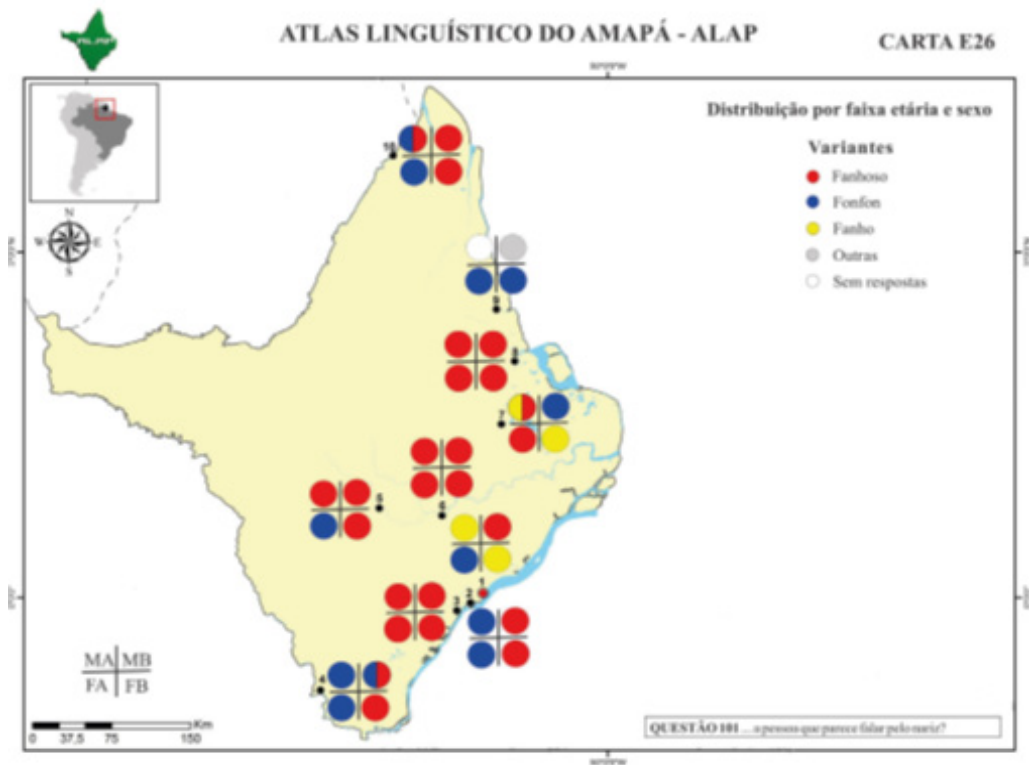


Figura 3. Variação do item lexical “fanhoso” por localidade, sexo e idade

Assim, diante desse panorama configurado pela variabilidade no uso da designação em questão, verifica-se que a variação diastrática se mostra mais evidente do que a diatópica, sobretudo, pela influência do fator idade, presente em determinados pontos de inquérito.

7 DISCUSSÃO

Os resultados, neste breve estudo, são evidentes e caracterizadores da variabilidade linguística, no campo lexical, que há no Estado do Amapá, pelo menos nos itens examinados neste momento. A Figura 1 aponta uma produtividade acentuada no emprego de variantes, chegando, inclusive, a indicar que há falantes que empregam mais de duas formas para denominar o mesmo item referente, como é o caso observado nos pontos 7 (Tartarugalzinho) e 4 (Laranjal do Jari); vale ressaltar que esses falantes são todos da primeira faixa de idade, o que não deixa de refletir uma maior produtividade lexical na fala dos mais jovens.

No entanto, é prematuro, neste momento, apontar-se uma razão ou outra para esse quadro, visto que a variável idade está sendo considerada de forma isolada e, segundo Freitag (2005, p. 106), deve-se refletir bastante acerca da variável “faixa etária”, visto que essa tende a mostrar-se uma “uma variável extremamente complexa, pois a ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização”.

As variantes retratadas nas Figuras 2 e 3 mostram-se mais estáveis, no sentido de que ocorrem de forma quase simétrica por todo o Estado. Por outro lado, na Figura 1 são reveladas variantes menos estáveis, ocorrendo, assim, de maneira mais assimétrica. Destaca-se na carta 2, o emprego muito mais recorrente, na fala dos mais velhos para o item lexical “carambela”, em cerca de 35% dos falantes; ao passo que o item “cambalhota” é mais presente entre os mais jovens, cerca de 15%, assim como o termo lexical “mortal” que ocorreu plenamente nesses falantes.

Diante desse panorama, pode-se inferir, inicialmente, que o aspecto geracional parece agir como um fator de condicionamento no emprego de determinadas variantes no Estado. No entanto, pelas razões citadas anteriormente e baseadas em Freitag (2005) prefere-se, neste momento, não apontar esse aspecto como desencadeador de um possível processo de mudança em progresso na comunidade observada. Para tal, sugere-se que se realize nova pesquisa de campo e os dados sejam relacionados a outros fatores como a escolarização, redes sociais, mobilidade, por exemplo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das três cartas do ALAP, selecionadas como amostragem para este trabalho, é possível concluir que os itens analisados apresentam variação lexical, pois o que apresentou menor número de variantes teve três formas diferentes para expressar o mesmo

conceito. Outro fato constatado foi o de que as variantes lexicais encontradas se estruturam predominantemente em lexias simples, além de que o fator social idade mostrou-se mais atuante no Estado do que o sexo, refletindo que o aspecto geracional tende a condicionar alguns usos pelos falantes amapaenses.

A análise desenvolvida neste estudo evidenciou que as variantes registradas distribuem-se em todos os dez pontos de inquérito investigados do Amapá, ratificando, conforme Aragão (2009, p. 82), “o princípio da norma linguística: alta frequência e distribuição regular”. Contudo, apesar de a maioria das variantes encontradas serem comuns aos dez municípios observados, elas não se realizam de maneira uniforme, mas simultaneamente a outras variantes, ratificando, assim, mais uma vez, a produtividade de alguns itens lexicais no Estado.

No entanto, alguns itens foram recorrentes em apenas umas localidades e ausentes em outras. Entre esses destaca-se o item lexical 2, carta E-12, que apontou a presença de uma variante (cambalhota) somente na porção centro-sul do Estado; sendo ausente na região Norte do Amapá; e o item lexical 3, carta E-26, que registrou o emprego de uma variante (fanho) apenas em dois municípios situados na porção centro-leste do Estado; sendo ausente nas demais regiões amapaenses.

Assim, acredita-se que o presente trabalho cumpre seu objetivo não só de identificar as principais variantes usadas pelos falantes amapaenses, no tocante a determinados itens lexicais, mas também de retratar a variação linguística presente no Amapá, no extremo norte do Brasil, do ponto de vista do léxico.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M.S.S. de. Estudos Dialetais e Sociolinguísticos do português do Brasil. **Littera**, São Luís, v. 1, n. 3, p. 7–25, 2001.

ARAGÃO, M. S. S. de. O Léxico da Região do Norte do Brasil. In: ARAGÃO, M. S. S. (Org.). **Estudos em Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia**. Fortaleza: UFC/Mídia, 2009. p. 71–86.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p. 13–22.

BRANDÃO, S. F. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, S. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista GELNE**, Rio Grande do Norte, v. 4, n. 2, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

CARDOSO, S. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A Dialetoлогия no Brasil**: metodologia do trabalho dialetal, inquérito linguístico e atlas dialetológico, regionalismos léxicos. São Paulo: Contexto, 1994.

FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**. v. 6, n. 2, p. 105–121, 2005.

IBGE – Censo Demográfico 2017, **Estado do Amapá**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estados>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, 2001. p. 91–100.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, 2001. p. 109–115.

PAIM, M.M.P. A variação lexical do português falado no Brasil: reflexões sobre o campo semântico vestuário e acessórios nos dados do Projeto ALiB. In: VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS ESTUDOS DOS GÊNEROS TEXTUAIS, 2011, Natal. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DOS GÊNEROS TEXTUAIS, 6., 2011. **Anais eletrônicos...** Natal, UFRN, 2011. Disponível em: <<https://alab.org.br/vi-simposio-internacional-de-estudos-dos-generos-textuais>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. D. **Atlas linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

Recebido em: 01/10/2018

Aceito em: 01/11/2018